

1

O que é Sociologia?

A imaginação sociológica	19	
Estudando as pessoas e a sociedade		21
O desenvolvimento do pensamento sociológico	22	
Teorias e perspectivas teóricas		22
Os fundadores da sociologia		23
Abordagens teóricas modernas		29
O pensamento teórico em sociologia		33
Níveis de análise: microssociologia e macrossociologia		33
Por que estudar sociologia?	35	
Pontos fundamentais	36	



Vivemos em um mundo intensamente preocupante, mas repleto das mais extraordinárias promessas para o futuro. É um mundo marcado por mudanças rápidas, conflitos profundos, tensões e divisões sociais, bem como preocupações cada vez maiores com o impacto destrutivo das sociedades humanas sobre o ambiente natural. Ainda assim, também temos novas oportunidades para controlar o nosso destino e moldar nossas vidas para melhor, que teriam sido inimagináveis para gerações passadas.

Como surgiu este mundo? Por que nossas condições de vida são tão diferentes das dos nossos pais e avós? Que rumos as sociedades tomarão no futuro? Se você alguma vez se fez essas perguntas, considere-se um sociólogo aprendiz. Essas questões são a principal preocupação da sociologia, um campo de estudo que, conseqüentemente, tem um papel fundamental a desempenhar na vida intelectual moderna.

A **sociologia** é o estudo científico da vida humana, de grupos sociais, de sociedades inteiras e do mundo humano. É uma atividade fascinante e instigante, pois seu tema de estudo é o nosso próprio comportamento como seres sociais. O âmbito da sociologia é extremamente amplo, variando da análise de encontros passageiros entre indivíduos nas ruas à investigação de relações internacionais e formas globais de terrorismo.

A maior parte das pessoas entende o mundo em função das características que nos resulta familiares em nossa própria vida – família, amizades e trabalho. Porém, a sociologia demonstra a necessidade de adotar uma visão muito mais ampla de nossas vidas para explicar por que agimos como agimos. Ela nos ensina que aquilo que consideramos natural, inevitável, bom ou verdadeiro pode não ser, e que as coisas que consideramos como normais são profundamente influenciadas por fatos históricos e processos sociais. Entender as maneiras sutis, porém complexas e profundas, em que nossas vidas individuais refletem os contextos de nossa experiência social é básico para a perspectiva sociológica.

A imaginação sociológica

Aprender a pensar de maneira sociológica – olhar, em outras palavras, o quadro mais amplo – significa cultivar a nossa imaginação. Estudar sociologia não é apenas um processo rotineiro de adquirir conhecimento. Um sociólogo é alguém que consegue se libertar da imediatez das circunstâncias pessoais e colocar as coisas em um contexto mais amplo. O trabalho sociológico depende daquilo que o autor americano C. Wright Mills, em uma expressão famosa, chamou de **imaginação sociológica** (Mills 1970).

A imaginação sociológica exige que, acima de tudo, “nos afastemos em nosso pensamento” das rotinas familiares de

nossas vidas cotidianas para enxergá-las como algo novo. Considere o simples ato de tomar uma xícara de café. O que poderíamos observar para falar, do ponto de vista sociológico, sobre esse comportamento aparentemente desinteressante? Uma quantidade enorme de coisas.

Podemos apontar, antes de mais nada, que o café não é apenas uma bebida. Ele tem valor simbólico como parte de nossas atividades sociais cotidianas. Muitas vezes, o ritual associado a tomar café é muito mais importante que o simples ato de consumir a bebida. Para muitos ocidentais, a xícara matinal de café está no centro de uma rotina pessoal. Ela é o primeiro passo essencial para começar o dia. O café da manhã costuma ser seguido, mais adiante no dia, por um cafezinho com outras pessoas – a base de um ritual social, e não apenas individual. Duas pessoas que marcam de se encontrar para tomar um café provavelmente estão mais interessadas em se reunir e conversar do que naquilo que irão beber de verdade. Em todas as sociedades, beber e comer proporcionam ocasiões para interação social e a encenação de rituais – que oferecem um tema rico para estudo sociológico.

Em segundo lugar, o café é uma droga que contém cafeína, que tem um efeito estimulante sobre o cérebro. Muitas pessoas tomam café pelo “impulso extra” que ele proporciona. Longos dias no escritório ou madrugadas estudando tornam-se toleráveis com intervalos regulares para um café. O café é uma substância que leva ao hábito, mas os viciados em café geralmente não são considerados pela maioria das pessoas em culturas ocidentais como “usuários de drogas”. Como o álcool, o café é uma droga socialmente aceitável, ao passo que a maconha, por exemplo, não é. Ainda assim, existem sociedades que toleram o consumo de maconha, ou mesmo de cocaína, mas desaprovam o café e o álcool. Os sociólogos se interessam nas razões para essas diferenças e em como vieram a ocorrer.



Encontrar amigos para um café faz parte de um ritual social.



O café é mais que apenas uma bebida agradável para estes trabalhadores, cujas vidas dependem da planta do café.

Em terceiro lugar, um indivíduo que toma uma xícara de café se encontra em meio a um complicado conjunto de relações sociais e econômicas que se estende pelo mundo. O café é um produto que conecta pessoas em algumas das partes mais ricas e mais pobres do planeta: ele é consumido em grandes quantidades em países ricos, mas é cultivado principalmente em países pobres. Juntamente com o petróleo, o café é a mercadoria mais valiosa no comércio internacional; ele é a maior fonte de moeda estrangeira para muitos países. A produção, o transporte e a distribuição de café exigem transações contínuas entre pessoas a milhas de distância daquele que bebe o café. Estudar essas transações globais é uma tarefa importante da sociologia, pois muitos aspectos de nossas vidas hoje são afetados por influências sociais e comunicações de âmbito mundial.

Em quarto lugar, o ato de bebericar um cafezinho pressupõe um longo processo de desenvolvimento social e econômico. Juntamente com outros elementos conhecidos das dietas Ocidentais – como o chá, bananas, batatas e açúcar refinado – o café somente passou a ser consumido amplamente a partir do final do século XIX, mesmo que já fosse considerado elegante entre a elite antes disso. Embora a bebida seja originária do Oriente Médio, seu consumo em massa data do período da expansão Ocidental, há aproximadamente dois séculos. Praticamente todo o café que bebemos atualmente vem de áreas

como a América do Sul e a África, que foram colonizadas por europeus; de maneira alguma, ele é uma parte “natural” da dieta Ocidental. O legado colonial teve um impacto enorme no desenvolvimento do comércio global de café.

Em quinto lugar, o café é um produto que está no coração dos debates contemporâneos sobre a globalização, o comércio internacional justo, os direitos humanos e a destruição do meio ambiente. À medida que o café cresceu em popularidade, ele foi sendo “marcado” e politizado; as decisões que os consumidores tomam sobre o tipo de café que beberão e onde comprá-lo se tornaram estilos de vida. As pessoas podem decidir tomar apenas café orgânico, café descafeinado ou café que tenha sido “negociado de forma justa” por meio de esquemas que pagam o preço total de mercado para pequenos produtores em países em desenvolvimento. Podem preferir ser fregueses de cafés “independentes”, em vez de redes de cafés como a Starbucks, e podem decidir boicotar o café de países com um perfil negativo de direitos humanos e ambiental. Os sociólogos estão interessados em entender como a globalização aumenta a consciência das pessoas sobre questões que ocorrem em cantos distantes do planeta e as leva a agir em suas próprias vidas com base nesse novo conhecimento. Para os sociólogos, o ato aparentemente trivial de tomar café dificilmente poderia ser mais interessante.



Os cafés do século XVIII eram centros de fofoca e intriga política para as elites sociais britânicas.

Estudando as pessoas e a sociedade

A imaginação sociológica nos permite ver que muitos fatos que parecem dizer respeito apenas ao indivíduo na verdade refletem questões mais amplas. O divórcio, por exemplo, pode ser um processo muito difícil para alguém que passa por um – o que Mills chama de um “problema pessoal”. Porém, o divórcio também é uma “questão pública” importante em muitas sociedades ao redor do mundo. Na Grã-Bretanha, mais de um terço de todos os casamentos acaba em divórcio dentro de 10 anos. O desemprego, para usar mais um exemplo, pode ser uma tragédia pessoal para alguém que perde o emprego e não consegue encontrar outro. Ainda assim, ele vai muito além da questão do desespero privado quando milhões de pessoas em uma sociedade se encontram na mesma situação: é uma questão pública que expressa grandes tendências sociais.

Tente aplicar a imaginação sociológica à sua própria vida. Não é necessário pensar apenas em fatos perturbadores. Considere, por exemplo, por que você está virando as páginas

deste livro – por que decidiu estudar sociologia? Talvez você seja um estudante de sociologia relutante, que está cursando a disciplina apenas para satisfazer um requisito para uma carreira futura. Ou pode estar entusiasmado para conhecer mais sobre a sua sociedade e a disciplina da sociologia. Seja qual for sua motivação, é provável que você tenha muita coisa em comum, sem necessariamente saber, com outras pessoas que também estudam sociologia. Sua decisão privada reflete a sua posição dentro da sociedade.

Será que as características seguintes se aplicam a você? Você é jovem? Branco? Tem de um nível profissional? Já fez, ou ainda faz, algum trabalho esporádico para complementar sua renda? Você quer encontrar um bom emprego quando concluir sua formação, mas não se dedica especialmente a estudar? Você não sabe exatamente o que é sociologia, mas pensa que tem a ver com a maneira como as pessoas agem em grupos? Mais de três quartos das pessoas responderão “sim” a todas essas questões. Os estudantes universitários não são típicos da população como um todo, mas tendem a ter origens sociais mais privilegiadas. E suas posturas geralmente refletem aquelas de seus amigos e conhecidos. Nossas bases sociais têm muito a ver com o tipo de decisão que consideramos apropriada.

Nenhuma ou poucas características se aplicam a você? Talvez você tenha vindo de um grupo de minoria ou em situação de pobreza. Talvez você seja de meia-idade ou idoso. Da mesma forma, outras conclusões provavelmente se aplicam. É provável que você tenha tido que batalhar para chegar onde está, talvez você tenha tido que superar reações hostis de amigos e outras pessoas quando disse a eles que pretendia estudar na faculdade ou talvez você esteja combinando o ensino superior com a maternidade em horário integral.

Embora sejamos todos influenciados pelos contextos sociais onde nos encontramos, nenhum de nós é determinado totalmente por esses contextos em nosso comportamento. Possuímos, e criamos, nossa própria individualidade. É trabalho da sociologia investigar as conexões entre o que a sociedade faz de nós e o que fazemos de nós mesmos e da sociedade. Nossas atividades estruturam o mundo social que nos rodeia e, ao mesmo tempo, são estruturadas por esse mundo social. O conceito de **estrutura social** é um conceito importante em sociologia. Ele se refere ao fato de que os contextos sociais de nossas vidas não consistem em variedades aleatórias de fatos ou atos; eles são estruturados, ou padronizados, de maneiras distintas. Existem regularidades na maneira como agimos e nas relações que temos uns com os outros.

Todavia, a estrutura social não é como uma estrutura física, como um prédio, que existe independentemente das ações humanas. As sociedades humanas estão sempre em processo de **estruturação**. Seus componentes básicos – seres humanos como você e eu – as reconstruem a cada momento. Considere novamente o caso do café. Uma xícara de café não chega em suas mãos de forma automática. Você decide ir a um café específico e escolhe se vai tomar um *latte* ou um expresso. À medida que toma essas decisões, juntamente com milhões de outras pessoas, você molda o mercado do café e afeta as vidas dos produtores de café que vivem talvez a milhares de milhas de distância, no outro lado do mundo.

O desenvolvimento do pensamento sociológico

Quando começam a estudar sociologia, muitos estudantes ficam surpresos com a diversidade de abordagens que encontram. A sociologia nunca foi uma disciplina em que existe um corpo de ideias que todos aceitam como válidas, embora haja ocasiões em que certas teorias são mais aceitas que outras. Os sociólogos muitas vezes discutem sobre como estudar o comportamento humano e a melhor maneira de interpretar os resultados das pesquisas. Por que isso ocorre? Por que os sociólogos não chegam a um consenso mais consistente, como os cientistas naturais parecem conseguir fazer? A resposta está ligada à própria natureza do nosso tema de estudo. A sociologia diz respeito às nossas próprias vidas e nosso comportamento, e estudar nós mesmos é a coisa mais difícil e complexa que podemos fazer.

Teorias e perspectivas teóricas

Tentar entender algo tão complexo quanto o impacto da industrialização sobre as sociedades, por exemplo, aumenta a

importância da teoria para a sociologia. As pesquisas factuais mostram como as coisas ocorrem; porém, a sociologia não consiste apenas em coletar fatos, por mais importantes e interessantes que possam ser. Por exemplo, é fato que eu comprei uma xícara de café hoje pela manhã, que ela custou uma certa quantidade de dinheiro e que os grãos de café usados para fazê-la foram cultivados na América Central. Contudo, em sociologia, também queremos saber por que as coisas acontecem e, para fazê-lo, temos de aprender a construir teorias explicativas. Por exemplo, sabemos que a industrialização teve uma grande influência na emergência das sociedades modernas, mas quais são as origens e condições para a industrialização? Por que encontramos diferenças entre sociedades em seus processos de industrialização? Por que a industrialização está associada a mudanças em formas de punição criminal ou em estruturas familiares e sistemas matrimoniais? Para responder essas questões, temos de desenvolver um pensamento teórico.

As teorias implicam a elaboração de interpretações que podem ser usadas para explicar uma ampla variedade de situações empíricas ou “factuais”. Uma **teoria** sobre a industrialização, por exemplo, deveria se preocupar em identificar



Nesta pintura de Bruegel, existe um grande número de pessoas envolvidas em uma variedade de atividades bizarras. À primeira vista, a pintura parece fazer pouco sentido. Todavia, seu título, *Provérbios holandeses*, ajuda a explicar o seu significado: essa pintura mostra mais de 100 provérbios que eram comuns quando ela foi pintada no século XVI. Da mesma forma, os sociólogos precisam da teoria como um contexto para ajudá-los a tirar sentido de suas observações.

as principais características que os processos de desenvolvimento industrial têm em comum e tentaria mostrar quais deles são importantes para explicar este desenvolvimento. É claro, a pesquisa factual e as teorias jamais podem ser totalmente separadas. Somente podemos desenvolver explicações teóricas válidas se formos capazes de testá-las por meio de pesquisas factuais.

Precisamos de teorias para nos ajudar a conferir sentido dos muitos fatos que observamos. Ao contrário da afirmação popular, os fatos *não* falam por si mesmos. Muitos sociólogos trabalham principalmente com pesquisas factuais, mas, a menos que sejam orientados por algum conhecimento teórico, é improvável que seu trabalho consiga *explicar* a complexidade das sociedades. Isso se aplica mesmo a pesquisas realizadas tendo-se como objetivo apenas o diagnóstico prático em mente.

Muitas “pessoas práticas” tendem a suspeitar de teóricos e gostam de se considerar “pé no chão” demais para prestar atenção em ideias mais abstratas. Ainda assim, todas as decisões práticas têm alguma premissa teórica por trás delas. O gerente de uma empresa, por exemplo, pode ter pouca consideração por “teorias”. Porém, toda abordagem à atividade empresarial envolve pressupostos teóricos, mesmo que sejam tácitos. Desse modo, o gerente pode pressupor que os empregados são motivados para trabalhar principalmente por causa do dinheiro – o nível dos salários que recebem. Essa é uma interpretação teórica subjacente do comportamento humano, ainda que seja equivocada, como as pesquisas em sociologia industrial tendem a demonstrar.

Sem uma abordagem teórica, não saberíamos o que procurar ao começar a estudar ou ao interpretar nossos resultados ao final da pesquisa. Todavia, a explicação de evidências factuais não é a única razão para a importante posição da teoria na sociologia. O pensamento teórico deve responder a problemas gerais colocados pelo estudo da vida social humana, incluindo questões que são de natureza filosófica. Decidir o nível até que ponto a sociologia deve seguir o modelo das ciências naturais e como devemos conceituar a consciência, ação e instituições humanas são problemas que não têm soluções fáceis. Esses problemas foram tratados de maneiras diferentes nas várias abordagens teóricas que surgiram dentro da disciplina. Este capítulo apresenta os fundadores da sociologia e descreve a maneira em que eles teorizaram sobre as sociedades modernas; o Capítulo 3, “Teorias e perspectivas em sociologia”, apresenta uma visão geral mais atualizada do desenvolvimento da teoria sociológica no decorrer do século XX e já no século XXI.

Os fundadores da sociologia

Nós, seres humanos, sempre fomos curiosos em relação às fontes do nosso próprio comportamento, mas, por milhares de anos, nossas tentativas de entender a nós mesmos basearam-se em modos de pensar transmitidos de geração para geração, expressados muitas vezes em termos religiosos. Por exemplo, antes da ascensão da ciência moderna, muitas pessoas acreditavam que os deuses ou espíritos eram a causa de fenômenos naturais, como terremotos e outros desastres naturais. Embora os escritores de períodos anteriores apresentassem visões do comportamento humano, o estudo sistemático da sociedade é um avanço relativamente recente, cujo começo

data do final do século XVIII e começo do XIX. A base das origens da sociologia está na série de mudanças avassaladoras trazidas pela Revolução Francesa e pela **Revolução Industrial** em meados do século XVIII na Europa. O dismantelamento de modos de vida tradicionais causado por essas mudanças resultou nas tentativas de pensadores de entender e explicar como elas ocorreram e quais seriam suas consequências prováveis. Para tal, os estudiosos foram levados a desenvolver novas compreensões dos mundos social e natural.

Um desenvolvimento-chave foi a utilização ciência em vez da religião para entender o mundo. Os tipos de questões que os pensadores do século XIX tentavam responder – o que é a natureza humana? Por que a sociedade é estruturada como é? Como e por que as sociedades mudam? – são quase os mesmos que os sociólogos tentam responder hoje em dia. Todavia, nosso mundo moderno é radicalmente diferente do mundo do passado, e é tarefa da sociologia nos ajudar a entender este mundo e o que o futuro provavelmente nos trará.

Augusto Comte

Nenhum indivíduo único pode fundar um campo inteiro de estudo, havendo muitos colaboradores no pensamento sociológico inicial. Todavia, geralmente, atribui-se especial proeminência ao autor francês Augusto Comte (1798-1857), mesmo que apenas por ter inventado a palavra “sociologia”. Comte originalmente usara o termo “física social” para des-



Augusto Comte (1798-1857).

crever o novo campo, mas alguns de seus rivais intelectuais da época também estavam usando esse termo. Comte queria distinguir as suas ideias das deles e, então, cunhou o termo “sociologia” para descrever a disciplina que desejava estabelecer.

O pensamento de Comte refletia os acontecimentos turbulentos da sua era. A Revolução Francesa de 1789 mudou a sociedade francesa significativamente, enquanto a disseminação da industrialização estava alterando as vidas tradicionais da população. Comte tentou criar uma ciência da sociedade que pudesse explicar as leis do mundo social, assim como a ciência natural explicava o funcionamento do mundo físico. Ainda que Comte reconhecesse que cada disciplina científica tem o seu próprio objeto de estudo, ele argumentava que esse estudo poderia ser feito usando-se a mesma lógica comum e método científico adotados para revelar leis universais. Assim como a descoberta de leis no mundo natural nos permitia controlar e prever os acontecimentos ao nosso redor, descobrir as leis que governam a sociedade humana poderia nos ajudar a moldar o nosso destino e melhorar o bem-estar da humanidade. Comte argumentava que a sociedade agia conforme leis invariáveis, da mesma forma que o mundo físico.

A visão de Comte para a sociologia era de que ela se tornasse uma “ciência positiva”. Ele queria que a sociologia aplicasse os mesmos métodos científicos rigorosos ao estudo da sociedade que os físicos e químicos usam para estudar o mundo físico. O **positivismo** sustenta que a ciência deve se preocupar apenas com entidades observáveis que sejam conhecidas pela experiência direta. Com base em observações cuidadosas, pode-se inferir leis que expliquem a relação entre os fenômenos observados. Compreendendo as relações causais entre os fatos, os cientistas podem então prever como serão os acontecimentos futuros. Uma abordagem positivista à sociologia visa a produção de conhecimento sobre a sociedade com base em evidências empíricas obtidas com observação, comparação e experimentação.

A *lei dos três estágios* de Comte assinala que as tentativas humanas de entender o mundo passam por estágios teológicos, metafísicos e positivos. No estágio teológico, o pensamento era guiado por ideias religiosas e pela crença de que a sociedade era expressão da vontade divina. No estágio metafísico, que tomou frente por volta da época da Renascença, a sociedade passou a ser vista em termos naturais, e não sobrenaturais. O estágio positivo, anunciado pelas descobertas e realizações de Copérnico, Galileu e Newton, estimulou a aplicação de técnicas científicas ao mundo social. De acordo com essa visão, Comte considerava a sociologia como a última ciência a se desenvolver – com base na física, na química e na biologia – mas também como a mais significativa e complexa de todas as ciências.

No final da sua carreira, Comte criou planos ambiciosos para a reconstrução da sociedade francesa em particular e para as sociedades humanas em geral, com base em seu ponto de vista sociológico. Ele clamava pelo estabelecimento de uma “religião de humanidade” que abandonaria a fé e o dogma, em favor de um embasamento científico. A sociologia estaria no centro da nova religião. Comte estava bastante ciente do estado da sociedade em que vivia, ele se preocupava com as desigualdades produzidas pela industrialização e a ameaça

que elas representavam para a coesão social. A solução de longo prazo, em sua visão, era a produção de um novo consenso moral, que ajudasse a regular, ou manter a integridade da sociedade, apesar dos novos padrões de desigualdade. Embora a visão de Comte para a reconstrução da sociedade nunca tenha se realizado, sua contribuição para a sistematização e unificação da ciência da sociedade foi importante para a profissionalização da sociologia como uma disciplina acadêmica.

Emile Durkheim

Os escritos de outro sociólogo francês, Emile Durkheim (1858-1917), tiveram um impacto mais duradouro na sociologia moderna do que os de Comte. Embora Durkheim tenha se baseado em certos aspectos da obra de Comte, ele pensava que muitas ideias de seu predecessor eram especulativas e vagas demais, e que Comte não havia conseguido implementar seu programa – estabelecer a sociologia com uma base científica. Durkheim considerava a sociologia uma nova ciência, que poderia ser usada para elucidar questões filosóficas tradicionais, mediante análise empírica. Como Comte antes dele, Durkheim argumentava que devemos estudar a vida social com a mesma objetividade que os cientistas estudam o mundo natural. Seu famoso primeiro princípio da sociologia era “estudar os fatos sociais como coisas”. Com isso, ele queria dizer que a vida social pode ser analisada de forma tão rigorosa quanto os objetos ou fenômenos da natureza.



Emile Durkheim (1858-1917).

Os escritos de Durkheim cobriam uma ampla variedade de temas. Três dos principais temas que ele abordou foram a importância da sociologia como ciência empírica, a ascensão do indivíduo e a formação de uma nova ordem social, e as fontes e o caráter da autoridade moral na sociedade. Encontraremos as ideias de Durkheim novamente em nossas discussões sobre teorias sociológicas, religião, desvio e crime, e trabalho e vida econômica.

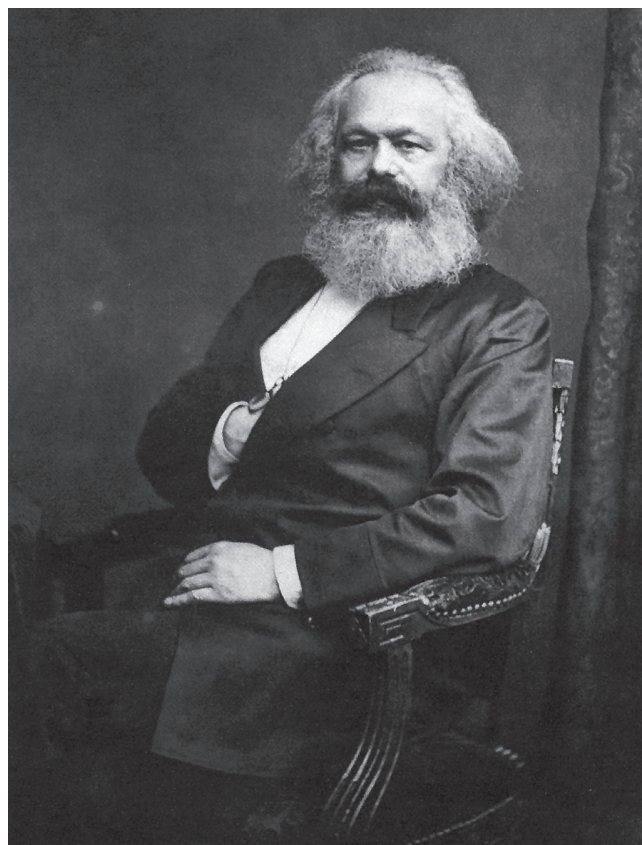
Para Durkheim, a principal preocupação intelectual da sociologia é o estudo de **fatos sociais**. Ao invés de aplicar métodos sociológicos ao estudo de indivíduos, os sociólogos devem analisar os fatos sociais – aspectos da vida social que moldam nossas ações como indivíduos, como o estado da economia ou a influência da religião. Durkheim argumentava que as sociedades têm uma realidade própria – que a sociedade é mais que simplesmente ações e interesses de seus membros individuais. Segundo Durkheim, os fatos sociais são modos de agir, pensar ou sentir que são externos aos indivíduos e têm sua própria realidade à margem da vida das percepções de pessoas individuais. Outro atributo dos fatos sociais é que eles exercem um poder coercitivo sobre os indivíduos. As pessoas não costumam reconhecer o caráter condicionante dos fatos sociais. Isso ocorre porque as pessoas geralmente obedecem livremente os fatos sociais, acreditando que estão agindo por escolha própria. De fato, segundo Durkheim, as pessoas simplesmente seguem os padrões que são gerais à sua sociedade. Os fatos sociais podem condicionar a ação humana de várias formas, desde punição direta (no caso de um crime, por exemplo) à rejeição social (no caso de comportamentos inaceitáveis) e um simples mal-entendido (no caso de uso incorreto da língua).

Durkheim acreditava que os fatos sociais são difíceis de estudar. Como são invisíveis e intangíveis, os fatos sociais não podem ser observados diretamente. Pelo contrário, suas propriedades devem ser reveladas indiretamente, analisando seus efeitos ou considerando suas tentativas de expressão, como leis, textos religiosos ou regras de conduta escritas. No estudo dos fatos sociais, Durkheim enfatizava a importância de abandonar preconceitos e ideologias. Uma postura científica exige uma mente que esteja aberta às evidências dos sentidos e livre de ideias preconcebidas vindas de fora. Durkheim sustentava que os conceitos científicos somente podem ser gerados por meio da prática científica. Ele desafiava os sociólogos a estudar as coisas como elas realmente são e a construir novos conceitos que refletissem a verdadeira natureza do social.

Como os outros fundadores da sociologia, Durkheim estava preocupado com as mudanças que em sua época estavam transformando a sociedade. Ele se interessava particularmente pela solidariedade social e moral – em outras palavras, aquilo que une a sociedade e a impede de cair no caos. A solidariedade é mantida quando os indivíduos conseguem se integrar aos grupos sociais e são regulados por um conjunto de valores e costumes compartilhados. Em sua primeira obra importante, *A Divisão do Trabalho Social*, Durkheim faz uma análise das mudanças sociais, argumentando que o advento da era industrial significou a emergência de um novo tipo de solidariedade (Durkheim 1984 [1893]). Com esse argumento,

Durkheim contrastou dois tipos de solidariedade, mecânica e orgânica, e as relacionou com a **divisão do trabalho** – o crescimento de distinções entre as diferentes ocupações.

Segundo Durkheim, as culturas tradicionais com uma baixa divisão do trabalho se caracterizam pela solidariedade mecânica. Como a maioria das pessoas na sociedade tem ocupações semelhantes, elas são unidas pela experiência comum e crenças compartilhadas. O poder dessas crenças compartilhadas é repressivo – a comunidade rapidamente pune qualquer um que desafie os modos de vida convencionais. Dessa forma, existe pouco espaço para a dissensão individual. A solidariedade mecânica, portanto, baseia-se no consenso e na similaridade de crenças. As forças da industrialização e urbanização, contudo, levaram a uma divisão cada vez maior do trabalho, que contribuiu para o rompimento dessa forma de solidariedade. Durkheim argumentava que a especialização de tarefas e a crescente diferenciação social nas sociedades avançadas levaria a uma nova ordem, caracterizando a solidariedade orgânica. As sociedades caracterizadas pela solidariedade orgânica se mantêm pela interdependência econômica das pessoas e por seu reconhecimento da importância da contribuição dos outros. À medida que a divisão do trabalho se amplia, as pessoas se tornam cada vez mais dependentes umas das outras, pois cada pessoa precisa de bens e serviços, fornecidos por indivíduos em outras ocupações. As relações de reciprocidade econômica e dependência mútua passam a substituir as crenças compartilhadas para criar o consenso social.



Karl Marx (1818-1883).

Ainda assim, os processos de mudança no mundo moderno são tão rápidos e intensos que dão vazão a grandes dificuldades sociais. Eles podem ter efeitos perturbadores sobre estilos de vida tradicionais, costumes, crenças religiosas e padrões cotidianos sem proporcionar novos valores claros. Durkheim relacionou essas condições perturbadoras com a **anomia**: sentimentos de falta de propósito, medo e desespero provocados pela vida social moderna. Os controles e padrões morais tradicionais, que antes eram supridos pela religião, são totalmente desfeitos pelo desenvolvimento social moderno, e isso deixa muitos indivíduos sentindo que suas vidas cotidianas carecem de sentido.

Um dos estudos mais famosos de Durkheim dizia respeito à análise do suicídio (ver Estudos clássicos 1.1, a seguir). O suicídio parece ser um ato puramente pessoal, resultado da infelicidade pessoal extrema. Todavia, Durkheim mostrou que fatores sociais exercem uma influência fundamental sobre o comportamento suicida, sendo a anomia uma dessas influências. As taxas de suicídio apresentam padrões regulares a cada ano, e esses padrões devem ser explicados sociologicamente.

Karl Marx

As ideias de Karl Marx (1818-1883) contrastam nitidamente com as de Comte e Durkheim, mas, como eles, Marx procurou explicar as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade durante a época da Revolução Industrial. Quando jovem, as atividades políticas de Marx o colocaram em conflito com as autoridades alemãs; depois de uma breve estadia na França, ele se exilou permanentemente na Grã-Bretanha. Marx testemunhou o crescimento de fábricas e da produção industrial, bem como as desigualdades resultantes. Seu interesse no movimento operário europeu e nas ideias socialistas refletia em seus escritos, que cobriam uma diversidade de temas. Grande parte do seu trabalho se concentrava em questões econômicas, mas, como sempre se preocupou em conectar os problemas econômicos com instituições sociais, sua obra era, e ainda é, rica em visões sociológicas. Mesmo seus críticos mais severos consideram seu trabalho importante para o desenvolvimento da sociologia.

Capitalismo e luta de classe

Embora tenha escrito sobre várias fases da história, Marx concentrou-se principalmente nas mudanças nos tempos modernos. Para ele, as mudanças mais importantes estavam ligadas ao desenvolvimento do **capitalismo**. O capitalismo é um sistema de produção que se diferencia radicalmente de todos os sistemas econômicos anteriores, envolvendo a produção de bens e serviços vendidos a uma ampla variedade de consumidores. Marx identificou dois elementos básicos nas empresas capitalistas. O primeiro é o capital – qualquer recurso, incluindo dinheiro, máquinas ou mesmo fábricas, que possa ser usado ou investido para criar recursos futuros. A acumulação do capital acompanha um segundo elemento, a mão de obra assalariada. A mão de obra assalariada refere-se ao conjunto de trabalhadores que não possuem os meios para sua sobrevivência, mas que devem buscar emprego proporcionado pelos donos do capital. Marx argumentava que aqueles que possuem o capital – **capitalistas** – formam uma classe dominante, ao passo que a massa da população forma

uma classe de trabalhadores assalariados – uma classe trabalhadora. À medida que a industrialização avançava, grandes quantidades de camponeses que se sustentavam trabalhando na terra se mudaram para as cidades em processo de expansão ajudaram a formar uma classe trabalhadora industrial urbana. Essa classe trabalhadora também costuma ser chamada de **proletariado**.

Marx acreditava que o capitalismo era um sistema inerentemente **classista**, no qual as relações de classe se caracterizam pelo conflito. Embora os donos do capital e trabalhadores dependam uns dos outros – os capitalistas precisam da mão de obra e os trabalhadores precisam do salário – a dependência é muito desequilibrada. A relação entre as classes é de exploração, pois os trabalhadores têm pouco ou nenhum controle sobre o seu trabalho, e os empregadores podem obter lucro apropriando-se do produto da mão de obra dos trabalhadores. Marx enxergou que o conflito de classe quanto aos recursos econômicos se tornaria mais agudo com o passar do tempo.

Mudança social: a concepção materialista da história

O ponto de vista de Marx baseia-se naquilo que chamou de **concepção materialista da história**. Segundo essa visão, não são as ideias ou os valores que os seres humanos detêm que são as principais fontes de mudanças sociais; ao invés disso, as mudanças sociais são primordialmente induzidas por influências econômicas. Os conflitos entre as classes proporcionam a motivação para o desenvolvimento histórico – eles são o “motor da história”. Conforme escreveu Marx no começo do *Manifesto Comunista*, “a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história da luta de classe” (Marx e Engels 2001 [1848]). Embora Marx tenha concentrado sua atenção mais no capitalismo e na sociedade moderna, ele também analisou como as sociedades se desenvolveram no decorrer da história. Segundo ele, os sistemas sociais fazem uma transição de um modo de produção para outro – às vezes gradualmente, às vezes por uma revolução – como resultado de contradições em suas economias. Ele propôs uma progressão de estágios históricos que começa com as sociedades comunistas primitivas de caçadores e coletores e passa pelos antigos sistemas escravagistas e sistemas feudais baseados na divisão entre proprietários de terras e servos. O surgimento de mercadores e artesãos marcou o começo de uma classe comercial ou capitalista, que deslocou a nobreza proprietária de terra. De acordo com essa visão da história, Marx argumentava que, assim como haviam se unido para derrubar a ordem feudal, os capitalistas também seriam suplantados por uma nova ordem instalada: o **comunismo**.

Marx teorizou a inevitabilidade de uma revolução de trabalhadores que derrubaria o sistema capitalista e anunciaria uma nova sociedade, na qual não haveria classes – nenhuma divisão de grande escala entre ricos e pobres. Ele não quis dizer que todas as desigualdades entre os indivíduos desapareceriam, pelo contrário, a sociedade não seria mais dividida em uma pequena classe que monopoliza o poder econômico e político e a grande massa de pessoas que recebem poucos benefícios pela riqueza que seu trabalho gera. O sistema econômico passaria a ser de propriedade comum, e se estabeleceria uma sociedade mais humana do que a que conhecemos

Estudos clássicos 1.1 O estudo de Durkheim sobre as taxas de suicídio

O problema de pesquisa

Um dos aspectos mais inquietantes das nossas vidas é o fenômeno do suicídio, que costuma deixar aqueles que ficam com mais perguntas que respostas. Por que certas pessoas decidem tirar suas próprias vidas? De onde vêm as pressões que elas sentem? Um dos primeiros clássicos sociológicos que explora a relação entre o indivíduo e a sociedade é a análise de Emile Durkheim sobre as taxas de suicídio, *O suicídio: estudo de sociologia* (Durkheim 1952 [1897]). Embora as pessoas se considerem como indivíduos que exercem seu livre arbítrio e direito de escolha, seus comportamentos costumam seguir e ser moldados por padrões sociais, e o estudo de Durkheim mostra que mesmo um ato tão pessoal quanto o suicídio é influenciado pelo que ocorre no mundo social.

Antes do estudo de Durkheim, já haviam sido realizadas pesquisas sobre o suicídio, mas ele foi o primeiro a insistir em uma explicação sociológica. Outros autores haviam reconhecido a influência de certos fatores sociais no suicídio, mas, de um modo geral, recorriam à raça, ao clima ou a transtornos mentais para explicar a probabilidade de um indivíduo cometer suicídio.

Segundo Durkheim, contudo, o suicídio era um fato social que somente poderia ser explicado por outros fatos sociais. A taxa de suicídio era mais que apenas o agregado de suicídios individuais – era um fenômeno com propriedades que seguiam um padrão. Por exemplo, as taxas de suicídio variam amplamente entre as sociedades do mundo (ver Figura 1.1).

Ao analisar as estatísticas oficiais de suicídio na França, Durkheim observou que certas categorias de pessoas eram mais prováveis de cometer suicídio do que outras. Ele descobriu, por exemplo, que havia mais suicídios entre os homens do que entre as mulheres, mais protestantes do que católicos, mais ricos do que pobres e mais pessoas solteiras do que casadas. Durkheim também observou que as taxas de suicídio tendiam a ser mais

baixas em tempos de guerra e mais altas em épocas de mudança ou instabilidade econômica. Por que isso ocorre?

A visão de Durkheim

Essas observações levaram Durkheim a concluir que existem forças sociais *externas ao indivíduo* que afetam as taxas de suicídio. Ele relacionou a sua explicação à ideia de solidariedade social e a dois tipos de vínculos dentro da sociedade – integração social e regulação social. Durkheim argumentava que as pessoas que eram bastante integradas em grupos sociais, e cujos desejos e aspirações eram regulados por normas sociais, eram menos prováveis de cometer suicídio. Ele identificou quatro tipos de suicídio, segundo a presença ou ausência relativas de integração e regulação.

1. Os *suicídios egoístas* são marcados por pouca integração na sociedade e ocorrem quando o indivíduo está isolado, ou quando seus laços com o grupo estão enfraquecidos ou rompidos. Por exemplo, as baixas taxas de suicídio entre os católicos podem ser explicadas pela força da sua comunidade social, ao passo que a liberdade pessoal e moral dos protestantes significam que eles “estão sós” perante Deus. O casamento protege contra o suicídio, integrando o indivíduo em uma relação social estável, enquanto as pessoas solteiras permanecem mais isoladas na sociedade. A baixa taxa de suicídio durante os períodos de guerra, segundo Durkheim, pode ser considerada um sinal de maior integração social ante um inimigo externo.
2. O *suicídio anômico* é causado pela falta de regulação social. Com isso, Durkheim estava se referindo às condições sociais da anomia, quando as pessoas ficam “sem normas” como resultado de mudanças rápidas ou instabilidade na sociedade.

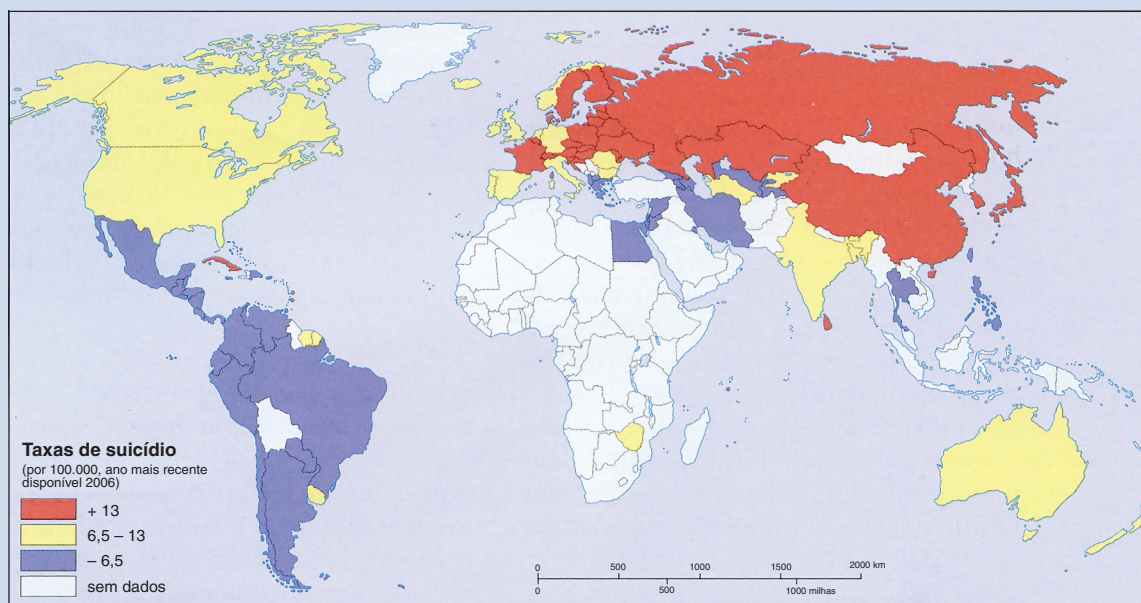


Figura 1.1 Taxas globais de suicídio, 2002.

Fonte: Organização Mundial da Saúde, 2002

A perda de um ponto fixo de referência para normas e desejos – como em épocas de turbulência econômica ou em disputas pessoais como o divórcio – pode desestabilizar todo o equilíbrio entre as circunstâncias das pessoas e seus desejos.

3. O *suicídio altruísta* ocorre quando um indivíduo está “integrado demais” – os laços sociais são fortes demais – e valoriza a sociedade mais do que a si mesmo. Nesse caso, o suicídio se torna um sacrifício pelo “bem maior”. Os pilotos kamikaze japoneses ou “homens-bomba” islâmicos são exemplos de suicídios altruístas. Durkheim considerava isso característico de sociedades tradicionais, onde prevalece a solidariedade mecânica.
4. O último tipo de suicídio é o *suicídio fatalista*. Embora Durkheim considerasse esse tipo de pouca relevância contemporânea, ele acreditava que resulta quando o indivíduo é regulado excessivamente pela sociedade. A opressão do indivíduo resulta em um sentimento de impotência ante o destino ou a sociedade.

As taxas de suicídio variam entre as sociedades, mas apresentam padrões regulares *dentro* das sociedades ao longo do tempo. Durkheim entendia isso como evidência de que existem forças sociais consistentes que influenciam as taxas de suicídio. Uma análise das taxas de suicídio revela como é possível detectar padrões sociais gerais em atos individuais.

atualmente. Marx argumentava que, na sociedade do futuro, a produção seria mais avançada e eficiente do que a produção sob o capitalismo.

O trabalho de Marx teve uma profunda influência no mundo do século XX. Até apenas uma geração atrás, mais de um terço da população da terra vivia em sociedades, como a União Soviética e os países do Leste Europeu, cujos governos afirmavam derivar sua inspiração das ideias de Marx.

Max Weber

Como Marx, Max Weber (1864-1920) não pode ser simplesmente rotulado como sociólogo; seus interesses e preocupações cobriam muitas áreas. Nascido na Alemanha, onde passou a maior parte da sua carreira acadêmica, Weber foi um indivíduo muito estudioso. Seus escritos cobriam os campos da economia, do direito, da filosofia e da história comparativa, além da sociologia. Grande parte do seu trabalho também estava relacionada com o desenvolvimento do capitalismo moderno e as maneiras em que a sociedade moderna era diferente de formas anteriores de organização social. Por uma série de estudos empíricos, Weber propôs algumas das características básicas das sociedades industriais modernas e identificou debates sociológicos cruciais que permanecem centrais para os sociólogos atualmente.

Em comum com outros pensadores da sua época, Weber buscou entender a natureza e as causas das mudanças sociais. Ele foi influenciado por Marx, mas também foi bastante crítico de algumas das principais visões de Marx. Ele rejeitava a concepção materialista da história e considerava os conflitos de classe menos significativos do que Marx. Segundo a visão de Weber, os fatores econômicos são importantes, mas as ideias

Pontos de crítica

Desde a publicação de *Suicídio*, foram levantadas muitas objeções ao estudo de Durkheim, particularmente em relação ao seu uso acrítico de estatísticas oficiais, sua rejeição de influências não sociais no suicídio e sua insistência em classificar todos os tipos de suicídio em uma mesma categoria. Algumas críticas mostraram que é vitalmente importante entender os processos sociais envolvidos em coletar dados sobre os suicídios, pois as definições e critérios de legistas influenciam o número de mortes registradas como “suicídios”. Por isso, as estatísticas sobre o suicídio podem ser bastante variáveis entre as sociedades, não necessariamente por causa das diferenças no comportamento suicida, mas por causa das diferentes práticas que os legistas usam para registrar mortes inexplicadas.

Relevância contemporânea

Entretanto, apesar dessas críticas legítimas, o estudo de Durkheim continua sendo um clássico. Ele ajudou a estabelecer a sociologia como uma disciplina com seu próprio tema de estudo – estudo de fatos sociais – e seu argumento fundamental em seu livro sobre o suicídio ainda mantém sua força: que, para entender totalmente mesmo o ato aparentemente mais pessoal do suicídio, exige-se uma explicação sociológica, em vez apenas de uma explicação baseada na análise da motivação pessoal.

e os valores também têm um grande impacto nas mudanças sociais. A elogiada e discutida obra de Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1992 [1904-195]), propõe que os valores religiosos – especialmente aqueles associados ao puritanismo – tinham importância fundamental para criar uma perspectiva capitalista. Ao contrário de outros pensadores sociológicos, Weber argumentava que a sociologia devia se concentrar na ação social, e não em estruturas sociais. Ele argumentava que a motivação e as ideias humanas eram as forças por trás da mudança – ideias, valores e opiniões tinham o poder de causar transformações. Segundo Weber, os indivíduos têm a capacidade de agir livremente e de moldar o futuro. Ele não considerava, como Durkheim e Marx, que as estruturas existiam fora ou independentemente dos indivíduos. Pelo contrário, as estruturas da sociedade eram formadas por uma complexa inter-relação de ações. E era trabalho da sociologia entender os significados por trás dessas ações.

Alguns dos textos mais influentes de Weber refletem sua preocupação com a ação social, ao analisar a peculiaridade da sociedade Ocidental em relação a outras civilizações importantes. Ele estudou as religiões da China, Índia e do Oriente Próximo e, no decorrer dessas pesquisas, fez grandes contribuições para a sociologia da religião. Comparando os principais sistemas religiosos da China e da Índia com os do Ocidente, Weber concluiu que certos aspectos das crenças cristãs tiveram grande influência na ascensão do capitalismo. Ele argumentava que a perspectiva capitalista nas sociedades Ocidentais não emergiu, conforme supunha Marx, apenas de mudanças econômicas. Na visão de Weber, as ideias e os valores culturais ajudaram a moldar a sociedade e nossos atos individuais.



Max Weber (1864-1920).

Um elemento importante na perspectiva sociológica de Weber foi a ideia do **tipo ideal**. Os tipos ideais são modelos conceituais ou analíticos que podem ser usados para se entender o mundo. No mundo real, os tipos ideais raramente, ou nunca, existem – muitas vezes, apenas alguns dos seus atributos estão presentes. Todavia, essas construções hipotéticas podem ser muito proveitosas, pois é possível entender qualquer situação do mundo real comparando-a com um tipo ideal. Dessa forma, os tipos ideais servem como um ponto de referência fixo. É importante mostrar que, com o tipo “ideal”, Weber não queria dizer que a concepção era um objetivo perfeito ou desejável. Ao invés disso, Weber queria dizer que era uma forma “pura” de um certo fenômeno. Weber usou os tipos ideais em seus escritos sobre formas de burocracia e mercados econômicos.

Racionalização

Segundo a visão de Weber, a emergência da sociedade moderna foi acompanhada por importantes mudanças em padrões de ação social. Ele acreditava que as pessoas estavam se afastando de crenças tradicionais fundamentadas em superstição, religião, costumes e hábitos antigos. Pelo contrário,

os indivíduos estavam cada vez mais envolvidos em cálculos racionais e instrumentais, que levavam em conta a eficiência e as consequências futuras dos seus atos. Na sociedade industrial, havia pouco espaço para o sentimento e para fazer as coisas simplesmente porque vinham sendo feitas daquele modo há gerações. Weber descreveu o desenvolvimento da ciência, da tecnologia moderna e da **burocracia** coletivamente como **racionalização** – a organização da vida social e econômica segundo os princípios da eficiência e com base no conhecimento técnico. Se, nas sociedades tradicionais, a religião e os costumes antigos definiam as posturas e valores das pessoas, a sociedade moderna foi marcada pela racionalização de um número cada vez maior de áreas da vida, da política à religião e à atividade econômica.

Segundo Weber, a Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo foram evidências da tendência mais ampla para a racionalização. O capitalismo não é dominado pelo conflito de classe, como argumentava Marx, mas pela ascensão da ciência e da burocracia: organizações de grande escala. Weber considerava o caráter científico do Ocidente como um de seus aspectos mais característicos. A burocracia, o único modo de organizar grandes quantidades de pessoas efetivamente, expande-se com o crescimento econômico e político. Weber usou o termo “desencantamento” para descrever a maneira em que o pensamento científico no mundo moderno havia varrido as forças do sentimentalismo do passado.

Todavia, Weber não era totalmente otimista quanto ao resultado da racionalização. Ele temia que a disseminação da burocracia moderna para todas as áreas da vida nos aprisionasse em uma “jaula de ferro”, da qual haveria pouca chance de escapar. A dominação burocrática, ainda que baseada em princípios racionais, poderia esmagar o espírito humano, tentando regular todas as esferas da vida social. Ele se preocupava particularmente com os efeitos sufocantes e desumanizantes da burocracia e suas implicações para o destino da **democracia**. A agenda aparentemente progressista da Era do Iluminismo do século XVIII, de progresso científico, aumentando a riqueza e a felicidade produzida enquanto rejeitava costumes tradicionais e superstições, também tinha um lado obscuro e com novos perigos.

Abordagens teóricas modernas

Os primeiros sociólogos estavam unidos em seu desejo de compreender as mudanças nas sociedades em que viviam. Porém, eles queriam fazer mais que apenas representar e interpretar os acontecimentos momentâneos do seu tempo. Todos tentaram desenvolver maneiras de estudar o mundo social que pudessem explicar como as sociedades funcionavam e quais eram as causas das mudanças sociais. Ainda assim, como já vimos, Durkheim, Marx e Weber empregaram abordagens bastante diferentes em seus estudos. Por exemplo, onde Durkheim e Marx se concentram na intensidade de forças externas ao indivíduo, Weber usa, como ponto de partida, a capacidade de os indivíduos agirem de maneiras criativas sobre o mundo externo. Onde Marx aponta para a predominância de questões econômicas, Weber considera significativa uma variedade muito mais ampla de fatores. Essas diferenças de abordagem persistiram através da história

Estudos clássicos 1.2 Fundadores negligenciados da sociologia

Embora Comte, Durkheim, Marx e Weber sejam, sem dúvida, figuras fundadoras da sociologia, houve outros no mesmo período e em épocas anteriores cujas contribuições também deveriam ser levadas em conta. A sociologia, como muitos campos acadêmicos, nem sempre cumpriu o seu ideal de reconhecer a importância de cada pensador cujo trabalho tenha mérito intrínseco. Pouquíssimas mulheres ou indivíduos de minorias raciais tiveram a oportunidade de se tornar sociólogos profissionais durante o período "clássico" do final do século XIX e começo do XX. Além disso, os poucos que tiveram a oportunidade de fazer pesquisa sociológica de importância duradoura foram negligenciados com frequência. Pensadores importantes como Harriet Martineau e o estudioso muçulmano Ibn Khaldun têm atraído a atenção de sociólogos nos últimos anos.

Harriet Martineau (1802–1876)

Harriet Martineau foi chamada "a primeira socióloga", mas, como Marx e Weber, não pode ser considerada apenas uma socióloga. Ela nasceu e foi educada na Inglaterra e escreveu mais de 50 livros, além de inúmeros ensaios. Martineau hoje recebe o crédito de ter introduzido a sociologia na Grã-Bretanha, com sua tradução do tratado de Comte *Filosofia positiva* (ver Rossi 1973), considerado a obra fundadora do campo. Além disso, Martineau fez um estudo sistemático em primeira mão da sociedade norte-americana durante suas prolongadas viagens pelos Estados Unidos na década de 1830, que é o tema do seu livro *Society in America* (Martineau 1962 [1837]). Atualmente, ela é importante para os sociólogos por várias razões.

Primeiramente, ela argumentava que, quando se estuda uma sociedade, deve-se focar todos os seus aspectos, incluindo as principais instituições políticas, religiosas e sociais. Em segundo

lugar, ela insistia que a análise de uma sociedade deve incluir um entendimento das vidas das mulheres. Em terceiro, ela foi a primeira pessoa a colocar um olhar sociológico sobre questões antes ignoradas, incluindo o casamento, filhos, a vida doméstica e religiosa e relações raciais. Como escreveu uma vez: "o quarto das crianças, o *boudoir* e a cozinha são excelentes escolas para aprender os modos e maneiras de um povo" (1962 [1837]). Finalmente, ela argumentava que os sociólogos podem fazer mais que apenas observar; eles também devem agir de maneiras que beneficiem a sociedade. Como resultado, Martineau foi uma ativa proponente dos direitos das mulheres e da emancipação dos escravos.

Ibn Khaldun (1332–1406)

O estudioso muçulmano Ibn Khaldun nasceu onde hoje fica a Tunísia e é famoso por seus estudos históricos, sociológicos e políticos. Ibn Khaldun escreveu muitos livros, sendo o mais conhecido sua obra em seis volumes, *Muqquadimah* ("Introdução"), concluída em 1378, e hoje considerada por alguns especialistas essencialmente como uma das obras fundadoras da sociologia (ver Alatas 2006). O *Muqquadimah* criticava as abordagens e métodos históricos existentes, que lidavam apenas com descrição, reivindicando, em vez disso, a descoberta de uma nova "ciência da organização social" ou "ciência da sociedade", capaz de chegar ao significado subjacente dos acontecimentos.

Ibn Khaldun criou uma teoria do conflito social baseada em entender as características centrais das sociedades "nômades" e



Harriet Martineau (1802–1876).



Ibn Khaldun (1332–1406).

"sedentárias" de sua época. Central à sua teoria era o conceito de "sentimento grupal" ou solidariedade (*asabiyyah*). Os grupos e sociedades com um forte sentimento grupal eram capazes de dominar e controlar aqueles que tinham formas mais fracas de solidariedade interna. Ibn Khaldun desenvolveu essas ideias na tentativa de explicar a ascensão e declínio dos Estados do Magrebe e árabes e, nesse sentido, pode-se considerar que ele estudou o processo de formação do Estado – uma grande preocupação da sociologia histórica Ocidental. As tribos nômades de beduínos tendiam a ter um forte sentimento grupal, que possibilitava que

superassem e dominassem os residentes das cidades, sedentários e mais fracos, e estabelecessem novas dinastias. Contudo, os benuínos se estabeleceram em estilos de vida mais urbanizados e seu sentimento grupal e sua força militar, antes fortes, diminuíram, deixando-os novamente abertos a ataques de inimigos externos. Isso fechava um longo ciclo na ascensão e declínio dos Estados. Ainda embora os historiadores e sociólogos Ocidentais do final do século XIX e começo do XX se referissem à obra de Ibn Khaldun, foi somente nos últimos anos que ela passou a ser considerada potencialmente significativa.

REFLEXÃO CRÍTICA

Que fatores podem explicar a omissão do trabalho sociológico de Harriet Martineau sobre o casamento, os filhos e a vida doméstica das mulheres no século XIX? Por que você acha que as ideias de Ibn Khaldun, do século XIV, estão encontrando um público novo no começo do século XXI?

da sociologia. Mesmo quando os sociólogos concordam em relação ao tema de análise, eles muitas vezes fazem essa análise a partir de posições teóricas diferentes.

As três abordagens teóricas recentes analisadas a seguir – o funcionalismo, a abordagem do conflito e o interacionismo simbólico – têm conexões com Durkheim, Marx e Weber, respectivamente. No decorrer deste livro, você encontrará argumentos e ideias que se baseiam e ilustram essas abordagens teóricas.

No Capítulo 3, "Teorias e perspectivas sociológicas", retornamos em mais detalhe às principais abordagens teóricas e analisamos o desenvolvimento da teoria sociológica durante o século XX.

Funcionalismo

O **funcionalismo** diz que a sociedade é um sistema complexo, cujas várias partes atuam juntas para produzir estabilidade e solidariedade. Segundo essa abordagem, a disciplina da sociologia deve investigar a relação de partes da sociedade entre si e com a sociedade como um todo. Podemos analisar crenças e costumes religiosos de uma sociedade, por exemplo, mostrando como eles se relacionam com outras instituições dentro dela, pois as diferentes partes de uma sociedade se desenvolvem em relação íntima entre si.

Estudar a função de uma prática ou instituição social é analisar a contribuição que aquela prática ou instituição traz para a continuidade da sociedade. Os funcionalistas, incluindo Comte e Durkheim, costumavam usar uma analogia orgânica para comparar a operação da sociedade com a de um organismo vivo. Eles argumentam que as partes da sociedade funcionam juntas, assim como as várias partes do corpo humano, para benefício da sociedade como um todo. Para estudar um órgão corporal como o coração, precisamos mostrar como ele se relaciona com outras partes do corpo. Bombeando sangue pelo corpo, o coração desempenha um papel vital na manutenção da vida do organismo. De maneira

semelhante, analisar a função de um elemento social significa mostrar o papel que ele desempenha na manutenção da existência e saúde de uma sociedade.

O funcionalismo enfatiza a importância do **consenso moral**, por manter a ordem e a estabilidade na sociedade. O consenso moral existe quando a maioria das pessoas de uma sociedade compartilha dos mesmos valores. Os funcionalistas consideram a ordem e o equilíbrio como o estado normal da sociedade – esse equilíbrio social baseia-se na existência de um consenso moral entre os membros da sociedade. Por exemplo, Durkheim argumentava que a religião reafirmava a adesão das pessoas a valores sociais nucleares, contribuindo assim para a manutenção da coesão social.

Até a década de 1960, o pensamento funcionalista provavelmente era a principal tradição teórica da sociologia, particularmente nos Estados Unidos. Talcott Parsons (1902-1979) e Robert K. Merton (1910-2003), que se baseavam fundamentalmente em Durkheim, foram dois de seus principais representantes. A versão de Merton do funcionalismo foi particularmente influente. Merton fez uma distinção entre as funções manifestas e as funções latentes. As **funções manifestas** são aquelas conhecidas e pretendidas pelos participantes de um determinado tipo de atividade social. Já as **funções latentes** são consequências dessa atividade, das quais os participantes não estão cientes. Para ilustrar essa distinção, Merton usou o exemplo da dança da chuva realizada pela tribo hopi do Arizona e do Novo México. Os hopi acreditavam que a cerimônia traria a chuva que precisavam para sua colheita (função manifesta). É por isso que a organizavam e participavam dela. Porém, a dança da chuva, segundo Merton, usando a teoria da religião de Durkheim, também tem o efeito de promover a coesão da sociedade hopi (função latente). Uma parte importante da explicação sociológica, segundo Merton, consiste em descobrir as funções latentes de atividades e instituições sociais.

Merton também distinguia entre funções e **disfunções**. Procurar os aspectos disfuncionais do comportamento social significa concentrar-se em aspectos da vida social que desafiam a ordem de coisas existente. Por exemplo, seria um erro supor que a religião sempre é funcional – que ela contribui apenas para a coesão social. Quando dois grupos defendem religiões diferentes ou mesmo versões diferentes da mesma religião, o resultado pode ser grandes conflitos sociais, causando perturbações sociais disseminadas. Assim, guerras foram travadas entre comunidades religiosas – como pode ser visto nas disputas entre protestantes e católicos na história da Europa.

Nos últimos anos, a popularidade do funcionalismo comeou a diminuir, na medida em que suas limitações se tornam visíveis. Embora isso não se aplique a Merton, muitos pensadores funcionalistas (Talcott Parsons é um exemplo) enfatizavam indevidamente os fatores que levam à coesão social, em detrimento daqueles que geram divisão e conflito. O foco na estabilidade e ordem significa que a divisão ou desigualdade da sociedade – baseadas em fatores como a classe, raça e gênero – são minimizadas. Também existe menos ênfase no papel da ação social criativa na sociedade. Muitos críticos argumentam que a análise funcional atribui às sociedades certas qualidades sociais que não possuem. Os funcionalistas muitas vezes escrevem como se as sociedades tivessem “necessidades” e “propósitos”, mas esses conceitos somente fazem sentido quando aplicados a seres humanos individuais.

Perspectivas de conflito

Como os funcionalistas, os sociólogos que empregam **teorias de conflito** enfatizam a importância de estruturas dentro da sociedade. Eles também defendem um “modelo” abrangente para explicar como a sociedade funciona. Todavia, os teóricos do conflito rejeitam a ênfase do funcionalismo no consenso. Ao invés disso, eles destacam a importância das divisões na sociedade. Desse modo, concentram-se em questões de poder, desigualdade e luta. Eles tendem a considerar a sociedade composta de grupos distintos, que buscam seus próprios interesses. A existência de interesses separados significa que o potencial de conflito está sempre presente e que certos grupos se beneficiam mais que outros. Os teóricos do conflito analisam as tensões entre os grupos dominantes e dominados na sociedade e tentam entender como as relações de controle se estabelecem e se perpetuam.

Uma abordagem influente na teoria do conflito é o marxismo, assim denominado por causa de Karl Marx, cujo trabalho enfatizava o conflito de classe. Diversas interpretações são possíveis para as principais ideias de Marx e, atualmente, existem escolas de pensamento marxista que assumem posições teóricas bastante diferentes. Em todas as suas versões, o marxismo difere da maioria das tradições em sociologia no sentido de que seus autores o consideraram uma combinação de análise sociológica e reforma política. Eles acreditam que o marxismo propõe um programa de mudança política radical.

Entretanto, nem todas as teorias de conflito adotam uma abordagem marxista. Alguns teóricos do conflito também foram influenciados por Weber. Um bom exemplo é o sociólogo alemão contemporâneo Ralf Dahrendorf (1929-). Em seu trabalho clássico *Class and Class Conflict in Industrial Society* (1959), Dahrendorf argumenta que os pensadores funcionalistas somente consideram um lado da sociedade – aqueles aspectos da vida social em que há harmonia e entendimento. Tão importantes, ou ainda mais, são as áreas marcadas por conflito e divisão. O conflito, segundo Dahrendorf, advém principalmente dos interesses diferentes que os indivíduos e grupos possuem. Marx contemplava as diferenças de interesse principalmente em termos de classe, mas Dahrendorf as relaciona de um modo mais amplo com a autoridade e o poder. Em todas as sociedades, existe uma divisão entre aqueles que detêm a autoridade e aqueles que são excluídos dela – entre governantes e governados.

Interacionismo simbólico

O trabalho do filósofo social norte-americano G. H. Mead (1863-1931) teve uma importante influência no pensamento sociológico, particularmente por meio de uma perspectiva chamada **interacionismo simbólico**. O interacionismo simbólico parte de uma preocupação com a língua e o significado. Mead afirma que a língua permite que nos tornemos seres autoconscientes – cientes de nossa própria individualidade e capazes de nos enxergar de fora, como os outros nos veem. O elemento-chave nesse processo é o símbolo. Um símbolo é algo que significa outra coisa. Por exemplo, as palavras que usamos para nos referir a certos objetos, na verdade, são símbolos que representam o que queremos dizer. A palavra “colher” é o símbolo que usamos para descrever o utensílio que usamos para tomar sopa. Os gestos ou formas de comunicação não verbais também são símbolos. Abanar para alguém ou fazer um gesto rude são atos que têm valor simbólico. Mead argumentava que os seres humanos baseiam-se em símbolos e entendimentos compartilhados em suas interações. Como os seres humanos vivem em um universo simbólico rico, praticamente todas as interações entre indivíduos humanos envolvem uma troca de símbolos.

O interacionismo simbólico direciona a nossa atenção para os detalhes das interações interpessoais e como os usamos para entender o que as pessoas dizem e fazem. Os sociólogos influenciados pelo interacionismo simbólico enfocam as interações presenciais nos contextos da vida cotidiana. Eles enfatizam o papel dessas interações na criação da sociedade e de suas instituições. Max Weber tem uma influência direta e importante nessa abordagem teórica, pois, embora reconhecesse a existência de estruturas sociais – como classes, partidos, grupos de *status* e outros – acreditava que essas estruturas eram criadas por meio das ações sociais dos indivíduos.

Embora a perspectiva interacionista simbólica possa gerar muitas ideias sobre a natureza das nossas ações no decorrer da vida social cotidiana, ela foi criticada por ignorar as questões mais amplas do poder e da estrutura da sociedade, e como servem para condicionar a ação individual.

Um exemplo clássico de interacionismo simbólico que leva em conta as questões do poder e da estrutura em nossa sociedade é *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling* (1983), de Arlie Hochschild, Hochschild, uma professora de sociologia na Universidade da Califórnia, observou sessões de treinamento e fez entrevistas no centro de treinamento de comissárias de bordo da Delta Airlines nos Estados Unidos. Ela assistiu as comissárias de bordo serem treinadas a controlar seus sentimentos, além de aprenderem outras habilidades. Hochschild lembra dos comentários de um instrutor, um piloto, nas sessões de treinamento: “garotas, quero que vocês saiam lá fora e sorrissem de verdade”, o piloto instruiu. “Seu sorriso é o seu principal recurso. Quero que vocês saiam lá fora e usem ele. Sorriam. Sorriam de verdade. Dediquem-se a ele”.

Em suas observações e entrevistas, Hochschild observou que, na medida em que as economias Ocidentais se tornam cada vez mais baseadas na prestação de serviços, é preciso entender o estilo emocional do trabalho que fazemos. Seu estudo do treinamento para “atendimento de clientes” entre aeromoças pode parecer familiar para qualquer um que já te-

na trabalhado na indústria de prestação de serviços, talvez em uma loja, em um restaurante ou em um bar. Hotchschild chama esse treinamento de “trabalho emocional” – o trabalho que exige que o indivíduo controle seus sentimentos para criar uma expressão facial e corporal que possa ser observada (e aceita) publicamente. Segundo Hotchschild, as empresas para as quais você trabalha não apenas fazem exigências quanto aos seus movimentos físicos, mas também em relação a suas emoções. Seu sorriso pertence a elas enquanto você trabalha.

A pesquisa de Hotchschild abriu uma janela para um aspecto da vida que a maioria das pessoas pensa que entende, mas que precisa ser compreendido em um nível mais profundo. Ela observa que os trabalhadores da indústria de serviços – como os trabalhadores braçais – muitas vezes têm uma sensação de distância do aspecto específico da sua pessoa que usam no trabalho. O braço do trabalhador braçal, por exemplo, pode parecer uma peça do maquinário, e apenas incidentalmente uma parte da pessoa que o mexe. Da mesma forma, as comissárias de bordo diziam a Hotchschild que seus sorrisos estavam *nelas*, mas não eram *delas*. Em outras palavras, essas trabalhadoras tinham uma sensação de distância de suas próprias emoções. Isso é interessante, quando consideramos o fato de que as emoções geralmente são vistas como uma parte profunda e pessoal de nós mesmos.

O livro de Hotchschild é uma demonstração influente do interacionismo simbólico e muitos outros estudiosos basearam-se em suas ideias. Embora ela tenha feito sua pesquisa em uma das “economias de serviços” mais desenvolvidas do mundo – os Estados Unidos – as descobertas de Hotchschild se aplicam a muitas sociedades da era atual. Os empregos no setor de serviços se expandem rapidamente em países ao redor do mundo, exigindo que cada vez mais pessoas se dediquem ao “trabalho emocional” em seus locais de trabalho. Em certas culturas, como entre os esquimós da Groenlândia, onde não existe a mesma tradição de sorrisos públicos como no Oeste Europeu e na América do Norte, o treinamento em trabalho emocional mostrou ser uma tarefa difícil. Nesses países, os empregados do setor de serviços às vezes devem participar de “sessões de treinamento de sorriso”, nada diferentes das que as comissárias de bordo da Delta Airlines precisam fazer.

O pensamento teórico em sociologia

Por enquanto neste capítulo, estivemos preocupados com *abordagens* teóricas, que se referem a orientações amplas e gerais à disciplina da sociologia. Porém, podemos fazer uma distinção entre as abordagens teóricas discutidas e as teorias reais. As teorias têm um foco mais restrito e são tentativas de representar certas condições ou tipos de acontecimentos sociais. Elas geralmente se formam como parte do processo de pesquisa e, assim, sugerem problemas que as investigações das pesquisas devem abordar. Um exemplo seria a teoria de Durkheim sobre o suicídio, discutida anteriormente neste capítulo.

Muitas teorias foram desenvolvidas em muitas áreas de pesquisa diferentes em que os sociólogos trabalham. Às vezes, as teorias são formuladas de maneira precisa e, ocasionalmente, são até expressadas na forma matemática – embora isso seja mais comum em outras ciências sociais (especialmente em economia) do que na sociologia.

Algumas teorias também são muito mais abrangentes que outras. Existem opiniões díspares sobre se é desejável ou proveitoso que os sociólogos se preocupem com buscas teóricas muito amplas. Robert K. Merton (1957), por exemplo, argumenta vigorosamente que os sociólogos devem concentrar sua atenção naquilo que chama de “teorias de nível médio”. Ao invés de tentar criar esquemas teóricos grandiosos (à maneira de Marx, por exemplo), devemos nos preocupar em desenvolver teorias que sejam mais modestas.

As teorias de nível médio são suficientemente específicas para que sejam testadas diretamente pela pesquisa empírica, mas suficientemente gerais para cobrir uma variedade de fenômenos diferentes. Um caso em questão é a teoria da **privação relativa**. Essa teoria reza que a maneira como as pessoas avaliam suas circunstâncias depende das pessoas com quem se comparam. Assim, os sentimentos de privação não estão ligados diretamente ao nível de pobreza material que as pessoas experimentam. Uma família que reside em uma casa pequena em uma área pobre, onde todos estão em circunstâncias mais ou menos semelhantes, é provável se sentir menos privada do que uma família que vive em uma casa semelhante, mas em um bairro onde as outras casas são muito maiores, e as outras pessoas, mais ricas.

De fato, é verdade que, quanto mais ambiciosa e ampla uma teoria for, mais difícil ela será de testar empiricamente. Ainda assim, parece não haver nenhuma razão óbvia por que o pensamento teórico em sociologia deva se limitar ao “nível médio”.

Avaliar teorias, e especialmente abordagens teóricas, em sociologia é uma tarefa desafiadora e formidável. Os debates teóricos, por definição, são mais abstratos do que as controvérsias do tipo mais empírico. O fato de que a sociologia não é dominada por uma abordagem teórica única pode parecer um sinal de fraqueza, mas esse não é o caso. O choque de abordagens teóricas e teorias rivais é uma expressão da vitalidade da busca sociológica. No estudo de seres humanos – nós mesmos – a variedade teórica nos salva do dogma e da estagnação. O comportamento humano é complicado e tem muitos lados, e é bastante improvável que uma abordagem teórica única pudesse cobrir todos os seus aspectos. A diversidade no pensamento teórico proporciona uma rica fonte de ideias que podem ser usadas na pesquisa e que estimulam as capacidades imaginativas que são essenciais para o progresso e o trabalho sociológico.

Níveis de análise: microsociologia e macrosociologia

Uma distinção importante entre as diferentes perspectivas teóricas que discutimos neste capítulo envolve o nível de análise a qual cada uma é direcionada. O estudo do comportamento cotidiano em situações de interações pessoais costuma ser chamado de **microsociologia**. Já a **macrosociologia** é a análise de sistemas sociais de grande escala, como o sistema político ou a ordem econômica. Ela também compreende a análise de processos de mudança de longo prazo, como o desenvolvimento do industrialismo. À primeira vista, pode parecer que a microanálise e a macroanálise são distintas, mas, na verdade, as duas estão intimamente conectadas (Knorr-Cetina e Cicourel, 1981; Giddens, 1984).



Em muitas empresas do setor de serviços, o controle das pessoas sobre a demonstração pública de suas emoções se tornou uma parte fundamental do seu treinamento.

A macroanálise é essencial se quisermos entender a base institucional da vida cotidiana. As maneiras em que as pessoas vivem suas vidas diárias são bastante afetadas pelo arcabouço institucional mais amplo, o que fica claro quando se compara o ciclo diário de atividades de uma cultura, como o do período medieval, com a vida em um ambiente urbano industrializado. Nas sociedades modernas, estamos constantemente em contato com estranhos. Esse contato pode ser indireto e impessoal. Porém, não importa quantas relações indiretas ou eletrônicas tenhamos atualmente, mesmo nas sociedades mais complexas, a presença de outras pessoas permanece sendo crucial. Mesmo que possamos decidir apenas enviar uma mensagem pelo correio eletrônico a um conhecido, também podemos preferir voar a milhares de milhas para passar o fim de semana com um amigo.

Os microestudos, por sua vez, são necessários para iluminar padrões institucionais amplos. A interação presencial, de forma clara, é a base para todas as formas de organização social, não importa o tamanho da escala. Suponhamos que estamos estudando uma corporação empresarial. Podemos entender muito sobre suas atividades apenas olhando o comportamento pessoal. Podemos analisar, por exemplo, a interação entre os diretores na sala da diretoria, das pessoas trabalhando em diversos escritórios, ou dos operários no chão da fábrica. Não construiríamos um quadro de toda a corporação dessa forma, pois uma parte dos negócios é feita por meio de mate-

riais impressos, de cartas, do telefone e do computador. Ainda assim, certamente, podemos contribuir significativamente para uma compreensão de como a organização funciona.

É claro que as pessoas não vivem suas vidas como indivíduos isolados, e nem suas vidas são determinadas completamente por Estados nacionais. A sociologia nos conta que a nossa vida cotidiana é vivida em famílias, grupos sociais, comunidades e bairros. Nesse nível – o nível *meso* (ou “médio”) da sociedade – é possível enxergar as influências e os efeitos de fenômenos nos níveis micro e macro. Muitos estudos sociológicos sobre comunidades locais específicas lidam com o impacto macrossociológico de grandes mudanças sociais, como a industrialização e a globalização econômica. Todavia, eles também exploram a maneira como indivíduos, grupos e movimentos sociais lidam com essas mudanças e tentam usá-las para seu benefício. Por exemplo, quando o governo britânico decidiu reduzir o papel do carvão em sua política energética na década de 1980, o impacto foi desastroso para muitas comunidades mineiras tradicionais, pois o modo de vida das pessoas foi ameaçado pelo desemprego em grande escala (Waddington et al., 2001). Inicialmente, as comunidades mineiras se organizaram para protestar contra a política, mas, quando isso fracassou, muitos mineiros individuais buscaram treinamento para procurar emprego em outras indústrias. Esses estudos da vida social no nível da comunidade podem proporcionar uma janela para se observar e entender a interação entre os níveis micro e

macro da sociedade, e muitos trabalhos aplicados em sociologia ocorrem nesse nível *meso* da realidade social.

Nos próximos capítulos, veremos outros exemplos de como a interação em microcontextos afeta processos sociais mais amplos, e como os macrosistemas influenciam ambientes mais restritos da vida social.

Por que estudar sociologia?

A sociologia tem várias implicações práticas para as nossas vidas, como enfatizou C. Wright Mills ao desenvolver sua ideia da imaginação sociológica. Primeiramente, a sociologia nos traz uma consciência de diferenças culturais que nos permite enxergar o mundo social a partir de perspectivas variadas. Com frequência, se entendermos como os outros vivem, também podemos adquirir uma compreensão maior de quais são os nossos problemas. As políticas práticas que não se baseiam em uma consciência informada dos modos de vida de pessoas que afetam terão pouca chance de sucesso. Por exemplo, um assistente social branco trabalhando em uma comunidade predominantemente latino-americana no sul de Londres não terá a confiança das pessoas se não desenvolver uma sensibilidade para as diferenças em experiência social entre os membros de grupos diferentes no Reino Unido.

Em segundo lugar, a pesquisa sociológica proporciona ajuda prática para avaliar os resultados de iniciativas políticas. Um programa de reforma prática pode simplesmente não alcançar aquilo que seus criadores queriam ou pode ter consequências indesejadas. Por exemplo, nos anos após a Segunda Grande Guerra, foram construídos grandes blocos de prédios para habitação pública nos centros das cidades de muitos países. Eles foram planejados para proporcionar padrões elevados de acomodação para grupos de baixa renda vindos de favelas, e tinham lojas e espaços comerciais e outros serviços cívicos por perto. Todavia, pesquisas mostraram que muitas pessoas que haviam mudado de suas residências para os grandes prédios de apartamentos se sentiam isoladas e infelizes. Os prédios de apartamentos e centros comerciais em áreas mais pobres foram depredados e proporcionaram locais para assaltos e outros crimes violentos.

Em terceiro lugar e, de certa maneira, isso é o mais importante, a sociologia pode nos proporcionar um autoesclarecimento – maior autocompreensão. Quanto mais soubermos sobre por que agimos como agimos e sobre o funcionamento geral da sociedade, mais prováveis seremos de influenciar o nosso futuro. Não devemos pensar que a sociologia somente ajuda aqueles que criam as políticas públicas – ou seja, os grupos poderosos – a tomar decisões informadas. Não podemos pressupor que aqueles que ocupam posições de poder sempre considerarão os interesses dos menos poderosos ou desprivilegiados nas políticas que criam. Os grupos esclarecidos podem se beneficiar com a pesquisa sociológica, usando as informações obtidas para responder de maneira efetiva a políticas governamentais ou criar iniciativas próprias em termos de políticas públicas. Grupos de autoajuda como os Alcoólicas Anônimos e movimentos sociais como o movimento ambientalista são exemplos de grupos sociais que buscam diretamente trazer reformas práticas, com algum grau de sucesso.

Por fim, deve-se mencionar que, como profissionais, muitos sociólogos se preocupam diretamente com questões práticas. Pessoas com formação em sociologia são encontradas atuando como consultores industriais, pesquisadores, planejadores urbanos, assistentes sociais e gerentes de recursos humanos, bem como em muitos outros empregos. Uma compreensão da sociedade também pode ajudar em carreiras futuras em Direito, Jornalismo, Administração e Saúde.

Com frequência, há uma conexão entre o estudo de sociologia e o despertar da consciência social. Será que os sociólogos devem defender e promover ativamente programas de reforma ou mudança social? Alguns argumentam que a sociologia somente pode preservar a sua independência intelectual se os sociólogos forem neutros em controvérsias morais e políticas. Ainda assim, será que aqueles estudiosos que se distanciam dos debates atuais são necessariamente mais imparciais em sua avaliação das questões sociológicas do que os outros? Nenhuma pessoa sociologicamente sofisticada pode ignorar as desigualdades que existem no mundo atualmente. Seria estranho se os sociólogos não assumissem lados em questões políticas, e seria ilógico tentar bani-los de usar seu conhecimento para tal.

Neste capítulo, vimos que a sociologia é uma disciplina em que muitas vezes deixamos de lado nossa visão pessoal do mundo, para olhar com mais cuidado as influências que moldam nossas vidas e as de outras pessoas. A sociologia emergiu como uma busca intelectual específica com o desenvolvimento das sociedades modernas, e o estudo dessas sociedades continua sendo uma preocupação central. Todavia, em um mundo global cada vez mais interconectado, os sociólogos devem adotar uma visão também global de seu objeto de estudo, para que consigam entendê-lo e explicá-lo adequadamente. É claro que os sociólogos continuam preocupados com uma ampla variedade de questões sobre a natureza das interações sociais e sociedades humanas em geral.

Como veremos no Capítulo 3, *Teorias e perspectivas em sociologia*, os problemas centrais que os sociólogos abordam mudam juntamente com as sociedades que buscam explorar e entender. Durante o período dos fundadores clássicos da disciplina, os problemas centrais eram o conflito entre as classes sociais, a distribuição da riqueza, o alívio da pobreza absoluta e relativa, a secularização de crenças religiosas e a questão do rumo que o processo de modernização estava tomando. No período contemporâneo, ainda que a maioria dessas questões permaneça, pode-se argumentar que os problemas centrais da sociologia estão mudando. Atualmente, as sociedades deparam-se com os problemas criados pela rápida globalização, degradação ambiental e seu impacto na saúde e bem-estar humanos, a consciência de riscos com consequências potencialmente graves, como podemos criar modelos bem-sucedidos de multiculturalismo e da igualdade de gênero genuína, para citar apenas alguns. Isso significa que os sociólogos deverão questionar se as teorias criadas para entender os diferentes problemas de um período anterior terão algum peso nos problemas que as sociedades de hoje enfrentam. Se não tiverem, eles terão que criar novas teorias que consigam entender o que Karl Mannheim uma vez chamou de “o segredo destes novos tempos”. Os leitores podem espe-

rar que o debate contínuo sobre o *status* e a relevância contínua das teorias sociológicas clássicas e tentativas de construir novas teorias apareçam no decorrer deste livro.

A sociologia não é apenas um campo intelectual abstrato, mas tem importantes implicações práticas para a vida das pessoas. Aprender a se tornar um sociólogo não deve ser

algo tedioso ou enfadonho. A melhor maneira de garantir que isso não ocorra é abordar o tema de um modo imaginativo e relacionar as ideias e resultados sociológicos com situações que ocorrem na sua própria vida. Desse modo, você deve aprender coisas importantes sobre si mesmo, sobre a sua sociedade e sobre o mundo humano mais amplo.

Pontos fundamentais

1. A sociologia é o estudo sistemático das sociedades humanas, com ênfase especial, mas não exclusiva, nas sociedades modernas industrializadas.
2. A prática da sociologia envolve a capacidade de pensar de forma imaginativa e de se distanciar de ideias preconcebidas sobre a vida social.
3. A sociologia começou como uma tentativa de entender as mudanças abrangentes que ocorreram nas sociedades humanas nos dois ou três últimos séculos, envolvendo não apenas mudanças de grande escala, mas também alterações nos aspectos mais íntimos e pessoais da vida das pessoas.
4. Entre os fundadores clássicos da sociologia, quatro figuras são particularmente importantes: Augusto Comte, Karl Marx, Emile Durkheim e Max Weber. Comte e Marx, que trabalharam em meados do século XIX, estabeleceram algumas das questões básicas da sociologia, elaboradas posteriormente por Durkheim e Weber. Essas questões dizem respeito à natureza da sociologia e ao impacto da modernização do mundo social.
5. Um diversidade de abordagens teóricas pode ser encontrada na sociologia. As disputas teóricas são difíceis de resolver mesmo nas ciências naturais, mas, na sociologia, enfrentamos dificuldades especiais por causa dos complexos problemas envolvidos em submeter o nosso próprio comportamento ao estudo.
6. As principais abordagens teóricas em sociologia são o funcionalismo, as perspectivas de conflito e o interacionismo simbólico. Existem certas diferenças básicas entre cada uma dessas abordagens, que tiveram muita influência no desenvolvimento do tema no período do pós-guerra.
7. Um modo de pensar sobre as abordagens da sociologia é segundo o seu nível de análise. A microsociologia é o estudo do comportamento cotidiano em encontros presenciais. A macrosociologia analisa os sistemas sociais de grande escala e sociedades inteiras. Contudo, os níveis micro e macro estão intimamente conectados, e isso pode ser visto em estudos sobre comunidades e bairros – o nível *meso* (ou médio) da vida social.
8. A sociologia é um tema com implicações práticas importantes. Ela pode contribuir de várias maneiras para a crítica social e a reforma social prática. A maior compreensão das circunstâncias sociais dá a todos uma chance maior de controlá-las. Ao mesmo tempo, a sociologia proporciona o meio de aumentar a nossa sensibilidade cultural, permitindo que as políticas se baseiem em uma consciência de valores culturais divergentes. Em termos práticos, podemos investigar as consequências da adoção de certos programas políticos. Por fim, e talvez mais importante, a sociologia propicia autoesclarecimento, oferecendo a grupos e indivíduos uma oportunidade maior para entender e alterar as condições de suas próprias vidas.

Outras leituras

Para quem é novo na sociologia, *Sociology: A Very Short Introduction* de Steve Bruce (Oxford: Oxford University Press, 2000) é um bom lugar para começar sua leitura. É um guia breve, mas estimulante. Depois disso, *Thinking Sociologically* de Zigmunt Bauman e Tim May (Oxford: Blackwell, 2001) é uma introdução mais envolvente para desenvolver e usar sua imaginação sociológica, e o livro traz muitos exemplos cotidianos. Se eles o motivarem a procurar algo mais avançado, *Foundations of Sociology: Towards a Better Understanding of the Human World* (Basingstoke: Palgrave

Macmillan, 2002) traz um argumento central sobre o papel da sociologia e dos sociólogos na era da globalização. Não é leitura fácil, mas vale a pena.

Outro recurso valioso para todos os novatos na disciplina é um bom dicionário de sociologia, e existem várias possibilidades. Entre eles, o *Oxford Dictionary of Sociology* de John Scott e Gordon Marshall (Oxford: Oxford University Press, 2005) e *The Penguin Dictionary of Sociology* de Stephen Hill e Bryan Turner (London: Penguin Books, 2006) são fidedignos e abrangentes.

Links da internet

Outras informações e ajuda com este livro na Polity Press:

www.polity.co.uk/giddens

The International Sociological Association:

www.isa-sociology.org

The European Sociological Association:

www.valt.helsinki.fi/esa/

The British Sociological Association:

www.britisoc.co.uk/

Intute – portal de informações em ciências sociais, com muitos recursos para sociologia:

www.intute.ac.uk/socialsciences/sociology/

SocioSite – Social Science Information System, baseado na Universidade de Amsterdã:

www.sociosite.net/index.php

Sugestões do revisor técnico

Outras leituras

BAUMAN, Z.; MAY, T. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LALLEMENT, M. *História das idéias sociológicas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003-2004. 2 v.

LALLEMENT, M. *História das idéias sociológicas: de Parsons aos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. v. 2.

OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Links da internet

Sociedade Brasileira de Sociologia:
www.sbsociologia.com.br

Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa de Ciências Sociais (ANPOCS):
www.anpocs.org.br

Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales:
www.clacso.org.ar